Lição 22: O problema sobre o repouso da terra

494. Após rejeitar as opiniões daqueles que sustentavam teorias falsas sobre a terra, o Filósofo aqui examina as opiniões daqueles que, embora sustentando uma teoria verdadeira sobre a terra, a saber, que ela está em repouso, atribuíram explicações inadequadas para o repouso da terra. Primeiro, ele apresenta o problema; Em segundo lugar, aponta onde as soluções propostas por outros são insuficientes, em 496;

Em terceiro lugar, examina essas soluções, uma a uma, em 497. 495. Ele diz portanto primeiro [353] que parece necessário que um certo problema sobre a terra ocorra a todos. Pois se alguém não se admirasse com isso, pareceria ter uma mente irracional, como se não fosse capaz de perceber a dificuldade, a saber, como é que, se uma pequena partícula de terra for elevada contra sua natureza e então solta, ela é levada para baixo e "não deseja permanecer", isto é, não tem tendência natural ao repouso, e quanto maior a partícula de terra, tanto mais rápido ela se move para baixo. No entanto, parece que se toda a terra pudesse ser elevada por alguém do alto para fora de seu lugar, e então solta, ela não se moveria para baixo. Isso parece assim a partir do que atualmente acontece em relação a toda a terra. Pois, embora ela tenha grande peso, não se move para baixo, mas permanece em repouso em seu lugar. Portanto, parece que não importa onde no mundo a terra fosse colocada, ela repousaria ali, pela mesma razão pela qual agora repousa neste lugar. Isso, de fato, está de acordo com a opinião daqueles que supõem que qualquer lugar ao acaso é adequado para qualquer corpo. Mas alguém poderia dizer que as partículas de terra, quando levantadas e então soltas, não se movem para baixo além do lugar onde a terra agora está. Portanto, para aumentar a dificuldade, ele acrescenta que se alguém levantasse algumas partículas de terra, e acontecesse que, antes que as partículas em queda retornassem à terra, alguém removesse a terra de seu lugar, então esses torrões se moveriam "para baixo", isto é, mais para baixo do que o lugar de onde foram retirados, já que nada estaria lá para detê-los. Ora, podemos conjecturar sobre o todo a partir da parte - pois se alguém atirasse uma pedra para cima e então, antes que ela caísse, cavasse uma vala na terra, essa pedra cairia até encontrar um obstáculo; e assim parece estranho que, já que a terra como um todo não tem resistência de nada que impeça sua descida, ela não se mova para baixo. Ele conclui portanto que o "espanto", isto é, a grande admiração, evocada por isso tornou isso um "filosofema", isto é, uma consideração filosófica ou ocasião para filosofar para todos os filósofos - assim como no início da Metafísica se diz que é a partir da admiração que os homens começaram a filosofar. 496. Então em [354] ele apresenta a insuficiência das soluções propostas sobre este ponto pelos filósofos. E ele diz que se pode admirar, não apenas a maneira como as coisas acontecem assim em relação à terra, mas também por que os filósofos tentando resolver este problema não viram que suas soluções dadas a este problema são mais discordantes do que o próprio problema. Pois eles apresentaram teorias mais improváveis do que a situação que dá origem ao problema - portanto, essas soluções apenas aumentam o problema. 497. Então em [355] ele apresenta cinco soluções do problema

mencionado: A segunda começa em 499; A terceira na Lição 23; A quarta na Lição 24;

A quinta na Lição 25. Com respeito à primeira, ele faz duas coisas: Primeiro, ele apresenta a primeira solução [355]. E ele diz que alguns, por causa disso, isto é, para escapar do problema, afirmam que a direção para baixo da terra é infinita. Ora, isso pode ser entendido de duas maneiras: De um modo, que o ar abaixo da terra é infinito, implicando que a razão pela qual a terra não se move mais para baixo é porque nada se move para um objetivo infinito. Na outra interpretação, mais verdadeira, é tomado como significando que a própria terra é infinita em seu lado inferior, e assim a parte superior é sustentada por uma parte inferior que se estende ao infinito. Isso é mais rapidamente compreendido e diz-se ter sido a teoria de Xenófanes de Cólofon. Eles apresentaram isso, não porque parecesse mais plausível em si mesmo, mas para evitar o trabalho de se esforçar para encontrar a causa do repouso da terra. 498. Em segundo lugar, ele conta como Empédocles ridicularizou essa solução. E ele diz que, já que os referidos homens não afirmaram isso como algo plausível, mas para contornar a questão, Empédocles ficou "espantado", isto é, grandemente admirado com seu erro, falando como segue nos versos que compôs sobre filosofia: "São de fato as profundezas da terra infinitas" (como se dissesse: A terra é infinitamente profunda?) "e infinito também o éter?" isto é, ar ou fogo. E ele diz que essas opiniões foram "vaidosamente derramadas", isto é, afirmadas sem razão, "já que foram ditas por muitas línguas" (como se dissesse: das bocas de muitos homens) "que entenderam pouco do todo", isto é, entendendo pouco sobre a natureza do universo. Nessas palavras, ele nos dá a entender que é por falta de inteligência que alguns disseram isso apenas com suas bocas, enquanto, considerando interiormente, não é plausível. Ora, Aristóteles se contentou com essa repreensão de Empédocles, tanto por causa da improbabilidade do que é dito quanto porque foi mostrado anteriormente no Livro I que não pode haver peso infinito. 499. Então em [357] ele aborda a segunda solução. Primeiro, ele a propõe; Em segundo lugar, a refuta, em 500;

Em terceiro lugar, ele destaca a razão para os defeitos em soluções desse tipo, em 503. Ele diz portanto primeiro [357] que, assim como os filósofos mencionados colocaram a terra como sustentada por terra ao infinito, outros declararam que a terra está posta sobre a água. Esta é de fato a teoria mais antiga, proposta, dizem, por Tales de Mileto, que foi um dos sete chamados "Homens Sábios", e o primeiro a se interessar pela filosofia natural. Foi ele quem colocou a água como princípio de todas as coisas, como se diz na Metafísica I. Portanto, ele colocou a terra como posta sobre a água e ali repousando à maneira de flutuação, como ocorre com a madeira e outras substâncias similares, nenhuma das quais permanece naturalmente no ar, mas permanecem na água dessa maneira por causa da flutuação. E o mesmo acontece com a terra, eles afirmavam. 500. Então em [358] ele refuta o que foi dito com três argumentos. E ele diz que a solução anterior foi proposta como se o mesmo relato não tivesse que ser dado da água que sustenta a terra como da própria terra. Pois vemos que, assim como a terra, se levantada, não permanece a menos que seja sustentada por algo, assim também a água, quando levantada, não é apta a permanecer assim, mas deve estar em algo que a sustente, se deve permanecer em repouso. Portanto, se a terra fosse sustentada pela água, o mesmo problema permaneceria - pelo que a água é sustentada? 501. Ele dá o segundo argumento em [359], a saber, que assim como o ar é mais leve que a água, assim a água é mais leve que a terra, ou menos pesada. Ora, é da natureza de algo mais leve elevar-se acima daquilo que é mais pesado por natureza. Portanto, não é possível que a água, que é mais leve, seja colocada mais baixo que a terra, que é mais pesada, segundo a natureza - a menos que alguém diga que as partes do mundo não são ordenadas segundo a natureza, o que é inaceitável. 502. A terceira razão em [360] é esta: Como foi dito no Livro I, o

movimento natural, e também o repouso, de toda a terra e de um torrão é o mesmo. Se, portanto, toda a terra é apta a permanecer na água e flutuar sobre ela, segue-se claramente que qualquer partícula dela poderia permanecer flutuando sobre a água. Mas não é isso que vemos acontecer; ao contrário, qualquer partícula de terra colocada na água afunda até o fundo, tanto mais rápido quanto maior é. Portanto, muito mais rapidamente afundaria toda a terra, se estivesse posta sobre a água. 503. Então em [361] ele indica a razão pela qual esses argumentos são deficientes. E ele diz que a razão pela qual eles dão soluções tão defeituosas é que eles parecem investigar um problema até um certo ponto, mas não até onde é possível investigar. Mas qualquer um que deseje resolver problemas adequadamente deve levar sua solução até o ponto em que nenhuma dúvida permaneça. Isso é algo que eles deixaram de fazer. Ele atribui a razão para isso, e se inclui entre os outros, para evitar ser arrogante, e diz que parece ser a prática de todos nós, ao resolver problemas, investigar, "não em termos da coisa, mas em termos daquele que contradiz", isto é, não até onde a natureza da matéria exige, mas até que um adversário não ofereça mais contradição. Um homem faz isso até consigo mesmo - quando se admira de alguma coisa, ele se interroga até não encontrar mais nada à mão para contradizer sua visão. Mas isso não é suficiente. Quando alguém quer encontrar uma solução verdadeira, não deve se contentar meramente em responder às objeções que tem à mão, mas deve diligentemente procurá-las. Portanto, como ele diz, qualquer um que deseje ser um bom investigador da verdade deve estar pronto para objetar contra si mesmo e contra outros, não com sofismas, mas com objeções reais e razoáveis, próprias, isto é, adequadas ao gênero sob investigação. Isso surge quando um homem considera todas as diferenças das coisas a partir de cujas similaridades um problema é resolvido. Por exemplo, Tales resolveu a presente questão com base na similaridade da madeira com a água, mas ele deveria ter considerado também a diferença entre elas. Pois a madeira, porque contém muito ar, flutua na água, o que não é verdade para a terra.

Revision #2
Created 29 September 2026 23:36:34 by Admin
Updated 2 October 2026 00:11:53 by Admin